



O real por um mestre da ficção

Faceta documental de Krzysztof Kieslowski é o principal destaque do 12º festival *É Tudo Verdade*



'Da cidade de Lodz', do cineasta Krzysztof Kieslowski, é destaque no evento marcado pela diversidade que começa hoje em São Paulo

Na competição nacional, personalidades têm suas trajetórias revisitadas, caso da cantora Maria Bethânia em filme de Andrucha Waddington

Paulo Sales

“Ereditismo e frescor”. Para o criador e diretor do *É Tudo Verdade*, Amir Labaki, essas duas características exprimem bem a diversidade estética e temática dos documentários incluídos na 12ª edição do festival, que começa hoje em São Paulo e acontece até o dia 1º de abril. Nos próximos dias, o evento – o mais importante do gênero na América Latina – se estende até o Rio de Janeiro (de amanhã a 1º de abril), Brasília (3 a 15 de abril), Campinas (9 a 15 de abril) e Porto Alegre (23 a 29 de abril). Dividido em mostras competitivas de longas e curtas nacionais e internacionais, o *É Tudo Verdade* vai apresentar um total de 141 produções, incluindo as que integram as seleções paralelas (*O Estado das Coisas*, *Horizonte* e *Programas Especiais*) e as homenagens.

O principal destaque deste ano não estará em disputa. É a retrospectiva dedicada ao trabalho não-ficcional de um dos grandes cineastas da segunda metade do século XX. Autor de obras assoladas por uma beleza lancinante, como *A liberdade é azul* e *Não amarás*, o polonês Krzysztof Kieslowski (1941-1996) rodou, entre 1966 e 1988, mais de 20 documentários de temáticas sociais fortemente engajadas. Cerca de dois terços dessa produção serão exibidos no festival, além de filmes sobre a vida e a obra do mestre.

“O Kieslowski documentarista é um continente fundamental ainda desconhecido. No documentário, foi tão inovador na estruturação de suas narrativas quanto na ficção. Ele mesmo atribuiu a questões éticas sua transição definitiva de um gênero a outro: ‘Tenho medo de

lágrimas reais. Na verdade, não sei se eu tenho o direito de filmá-las’. Seus filmes são essencialmente sobre a vida cotidiana na Polônia então socialista. Retratos de homens e mulheres comuns, de trabalhadores simples, de burocratas cinzentos. Saborosos, os títulos já dizem muito: *Refrão*, *Fábrica*, *Primeiro amor*, *Sete mulheres de diferentes idades*”, opina Labaki, em entrevista ao *Folha*.

Entusiasmado, ele fala mais do cineasta: “Kieslowski é conhecido pela telessérie clássica *Decálogo*, em que adaptou para a Polónia contemporânea os dez mandamentos bíblicos, e também pela deslumbrante trilogia das cores, dramas existenciais que examinam os ideais da Revolução Francesa na Europa dos anos 90, estrelados cada qual por uma

deusa gaulesa: Juliette Binoche (*A liberdade é azul*), Julie Delpy (*A igualdade é branca*) e Irene Jacob (*A fraternidade é vermelha*). Talvez meu Kieslowski predileto seja outro, ainda desta fase final francesa, *A dupla vida de Veronique*, uma variação em torno da questão do duplo que pondera o poder do acaso sobre nossas vidas”.

Além de Kieslowski, o *É Tudo Verdade* vai homenagear o documentarista Linduarte Noronha e a contribuição da escola paraibana dos anos 60. E, na mostra competitiva de longas (sete concorrentes), alguns expoentes de diferentes segmentos da sociedade brasileira terão suas trajetórias revisitadas, casos da cantora Maria Bethânia (*Maria Bethânia – Pedrinha de Aruanda*, de Andrucha Waddington), do

economista Celso Furtado (*O longo amanhecer*, de José Mariani) e do ambientalista José Lutzenberger (*Lutzenberger: for ever Gaia*, de Frank Coe e Otto Guerra). A competição de curtas terá oito concorrentes.

Recém-criada, a mostra competitiva de curtas internacionais valoriza um formato habitualmente ousado. “O documentário já vive um momento de reinvenção, sejam os longos ou curtas. Acho que a competição de curtas frisa essa fase especial”, pondera Labaki, que percebe uma “multiplicação das estratégias narrativas” entre os filmes selecionados. Entre os longos estrangeiros, merecem atenção trabalhos de acento político, como *A Cidade dos fotógrafos* (do chileno Sebastián Moreno, sobre a atuação dos repórteres fotográficos durante a ditadura de Pinochet) e *Fantasma de Abu Ghraib* (de Rory Kennedy, sobre as torturas de prisioneiros iraquianos por soldados dos EUA). E também o curioso *Fabricando polêmica*, de Debbie Melnik, sobre as manipulações empreendidas por Michael Moore em seus filmes.

Outro trabalho de destaque no *É Tudo Verdade* é o memorialístico *Santiago*, de João Moreira Salles, que venceu no último domingo o Festival Internacional de Documentários Cinema du Réel, em Paris e abre – fora de competição – a edição carioca do evento. Em São Paulo, o filme de abertura será *Adeus, América*, do brasileiro radicado na Espanha Sérgio Oksman. Expandindo-se para outras cidades nas últimas edições, o *É Tudo Verdade* se consolidou definitivamente como um palco privilegiado para a divulgação do gênero, além de ter contribuído decisivamente para a formação de um público ávido por novidades no mundo da não-ficção.



'Fantasma de Abu Ghraib', de Rory Kennedy: torturas de prisioneiros iraquianos na mostra internacional